

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda São José (antiga Fazenda do Turvo)

código
AI - F1O - BM

localização
Estrada Rialto — Resende, km 0 — Distrito de Rialto

município
Barra Mansa

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira / produção cafeeira

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Bananal



Entrada principal da fazenda e seu entorno

coordenador / data **Raymundo Rodrigues – jan 2009**
equipe **Ariel Rodrigues, Ian Pozzobon e Marcos Reco Borges (levantamento de campo) Jovina Coli (AutoCad)**
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão
Coordenação técnica do projeto

A Fazenda São José está localizada na confrontação entre o quadrante noroeste da Serra da Bocaina, estado de São Paulo, e o Vale do Paraíba Fluminense. O acesso a esta propriedade ocorre pelo Distrito de Floriano, junto ao km 292 da Rodovia Presidente Dutra, no sentido São Paulo / Rio, tomando a estrada municipal que liga esse distrito até Rialto, ambos pertencentes à Barra Mansa. Outro acesso é feito através do bairro Bocaininha, em Barra Mansa, pela estrada que liga a sede deste município até Rialto.

A fazenda está situada a 300 m do Distrito de Rialto, importante reduto histórico de Barra Mansa, próximo de Bananal-(SP) e da antiga estrada Rio-São Paulo, implantada sobre elevação com extensa área plana voltada para o norte, onde se localizava o terreiro de café.

Ao sul, distante algumas dezenas de metros da casa-sede, existe um pequeno morro com cota de aproximadamente 30 metros acima do complexo produtivo, predominando nele cobertura de pasto e vegetação de porte médio (f01). Seguindo ainda nessa orientação, palmeiras compõem o paisagismo, dialogando com a construção principal da propriedade (f02). Para oeste prevalece área plana no entorno da sede, onde existe pomar com mangueiras, goiabeiras e cítricas (f03). Conforme se distancia da sede, a cota de nível aumenta da mesma forma que o porte da vegetação arbórea.

O rio Bananal separa a fazenda da sede do distrito, e o rio Turvo, seu tributário, até a divisão das terras entre os herdeiros, cortava a propriedade da Fazenda São José, fato que originou o nome Fazenda do Turvo. Até a década de 1970 havia represa abastecida pelas águas do Turvo, localizada a oeste da sede da fazenda, que gerava energia elétrica e movimentava o engenho, hoje inexistente. Consta que o represamento teve que ser desativado, em função de seguidos transbordamentos.

Os proprietários vivem na fazenda atualmente e as atividades ligadas à pecuária garantem a sustentabilidade da propriedade, destacando-se a produção leiteira.



01



02



03

A casa é uma construção em dois pavimentos, com planta em forma de “L” tombado à esquerda. Seu acesso é feito na fachada principal, através de escada com sete degraus, executada em tijolos e revestida em argamassa, cujo lance único em leque abre-se suavemente da portada para o início. Essa escada tem seu guarda-corpo cego caracterizado pelas meias colunas de seu arranque (f04 e f05).

Nos vãos da fachada principal, nota-se a hierarquização do pavimento nobre sobre o térreo, com o tratamento diferenciado entre as esquadrias destes. No térreo há porta com bandeira vidrada e três janelas, todas possuindo vergas retas, cercaduras em madeira e folhas cegas em madeira enrelhada (f06). No piso superior, conferido a modulação inferior, há quatro portas-balcão, com cercaduras em madeira e vergas em arco abatido com ombreiras, ornamentadas por sobrevergas que acompanham sua forma. As folhas das portas são almofadadas em madeira em seu trecho inferior, possuindo caixilhos de vidro no restante, além de bandeiras fixas vidradas. São guarnecidas por guarda-corpos em ferro com peitoril em madeira (f07 e f08). Nas outras fachadas, as aberturas são em vergas retas, mantendo folhas cegas em madeira, com guilhotinas externas em caixilhos de vidro e folhas internas cegas.

A cobertura em quatro águas do volume principal foi executada com telhas francesas, possuindo beiral decorado com lambrequim de madeira rendilhada (f09 e f10).



04



05



06



07



08



09



10

Esses elementos da cobertura (telhas francesas e lambrequins) são alterações do original da construção que seria em telha capa e canal e beiral de cachorro, conforme evidência encontrada na fachada lateral direita da casa-sede (f11).

O piso de todo pavimento térreo é revestido por lajota cerâmica, tendo sido aterrado quando da substituição dos barrotes e do assoalho (f12). No piso superior, mantém-se o original, assoalho sobre barrotes com larguras variadas do tabuado (f13).

Os forros dos compartimentos da casa, em sua grande maioria, tanto no pavimento térreo quanto no superior, são de madeira em saia e camisa, tendo um acabamento mais esmerado em uma das salas do térreo, com moldura e cimalha no roda-forro. No piso superior, um dos cômodos, que atualmente serve como depósito, foi dividido em dois, e essa evidência foi percebida através da interrupção do segmento da moldura do forro, que reaparece do lado oposto (f14 e f15).

Na lateral esquerda do pavimento térreo, existe uma varanda com pilares em tijolos maciços sub-utilizada, pois, das portas internas que dão acesso a ela, uma teve seu vão vedado com alvenaria e a outra é mantida constantemente fechada, as duas fazendo parte de dormitórios. Na fachada posterior, existe um acréscimo onde funcionam a cozinha e a área de serviço. Tanto a varanda como o acréscimo de serviços foram anexados à construção original (f16, f17 e f18).

Em uma das intervenções por que passou o imóvel, para instalação de um banheiro na extremidade direita da fachada principal, uma parede foi posicionada esconso à sua janela frontal, tendo sido fechado metade deste vão. Pode-se considerar que esta casa-sede é um exemplar típico e dos mais simples das antigas fazendas de café, abarcando elementos estilísticos da linguagem neoclássica, não possuindo, entretanto, motivos de valor excepcional em sua ornamentação ou volumetria. Acresce que sofreu intervenções sem muito critério que a descaracterizaram, perdendo algo da lógica construtiva de seus elementos originais, para atendimento de necessidades de uso prementes, em detrimento da qualidade do conjunto. Atualmente apenas o pavimento térreo é utilizado como moradia (f19). No superior alguns cômodos servem como depósito – num dos quais foi identificado parte de um oratório ou altar (f20) – e outros estão desocupados por problemas decorrentes da ausência de conservação (f21).



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21

Aparentemente não existem problemas estruturais na casa-sede da Fazenda São José. As paredes não apresentam fissuras ou trincas expressivas que indiquem patologias dessa natureza. Do lado externo, a perda de camadas de pintura reforça a impressão de ausência de manutenção (f22). Porém não há vestígios de umidade ascendente.

Internamente, no pavimento térreo, percebem-se frestas em alguns pontos do forro de madeira, sobretudo nos encontros dos mesmos nos cantos da parede, onde são unidos em meia esquadria. Em alguns casos, isso decorre de antigas infiltrações descendentes, onde aconteceu perda de material pela presença de fungos e também, provavelmente, por algum pequeno deslocamento estrutural ocorrido com o passar dos tempos (f23).

As esquadrias de madeira não apresentam deterioração por ação de xilófagos (f24), porém exigem manutenção para a reposição de partes afetadas por umidade, além de vidros quebrados e faltantes.

No piso superior o forro de madeira apresenta tábuas soltas (f25), provavelmente por apodrecimento de barrotes, e também outras partes faltantes e apodrecidas, sendo estas últimas por infiltração descendente (f26). Na escada interna há partes faltantes no guarda-corpo em madeira (f27). Neste andar, nos espaços junto à fachada principal, as tábuas do assoalho apresentam-se soltas, evidência de problemas nos barrotes que as sustentam (f28). Foi identificada outra situação referente ao assoalho deste pavimento: o dormitório dos fundos, bastante amplo, provavelmente tinha dimensões ainda maiores na sua origem e, com a necessidade de criar outro quarto, foi construída uma parede sobre o assoalho sem apoio de barrotes, o que ocasionou afundamento do mesmo (f29). Aparentemente essa situação ocorreu combinada com leve recalque na fachada de fundos, que, por sua vez, afetou o nível original do telhado nesse lado da construção (f30).



22



23



24



25



26



27



28

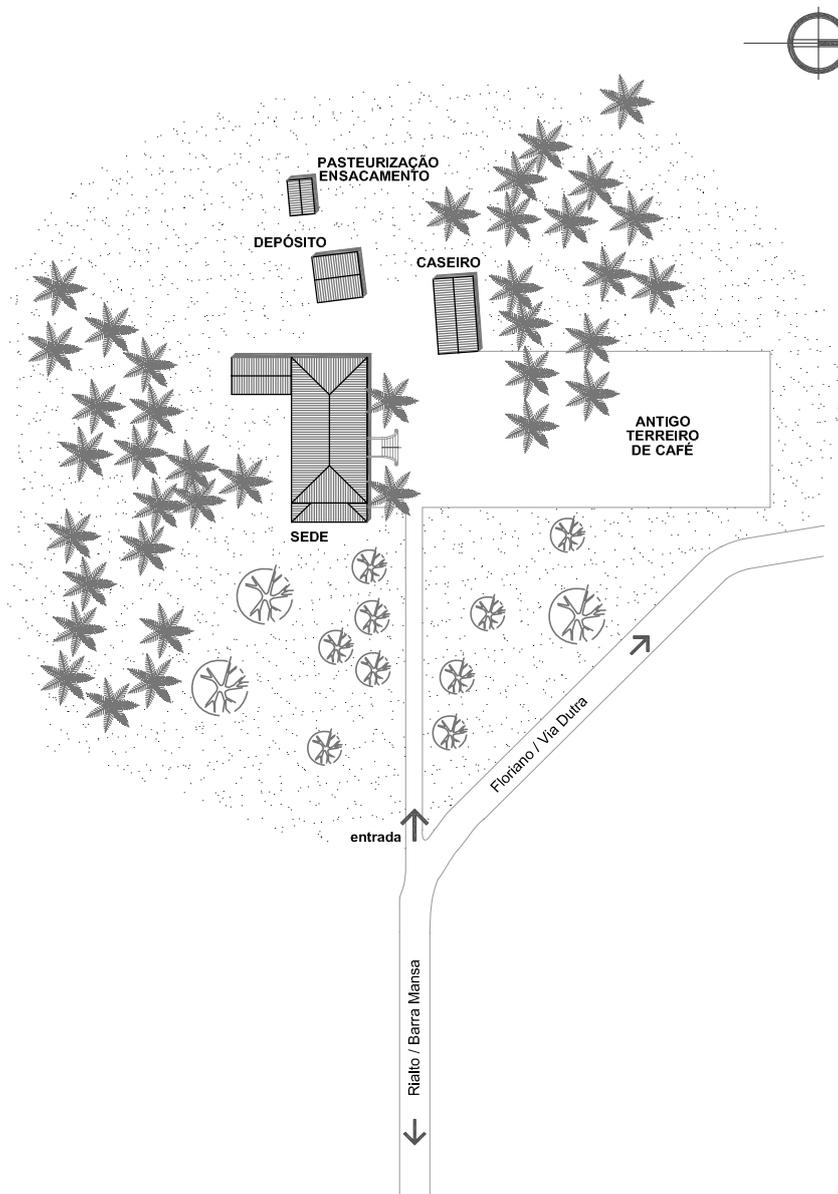


29



30

FAZENDA SÃO JOSÉ



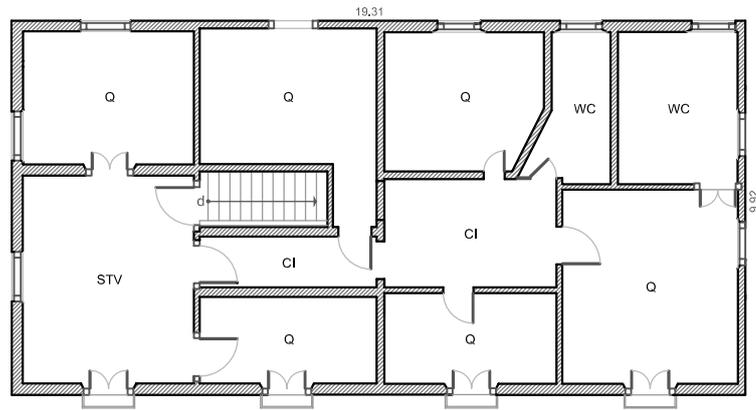
1

Implantação

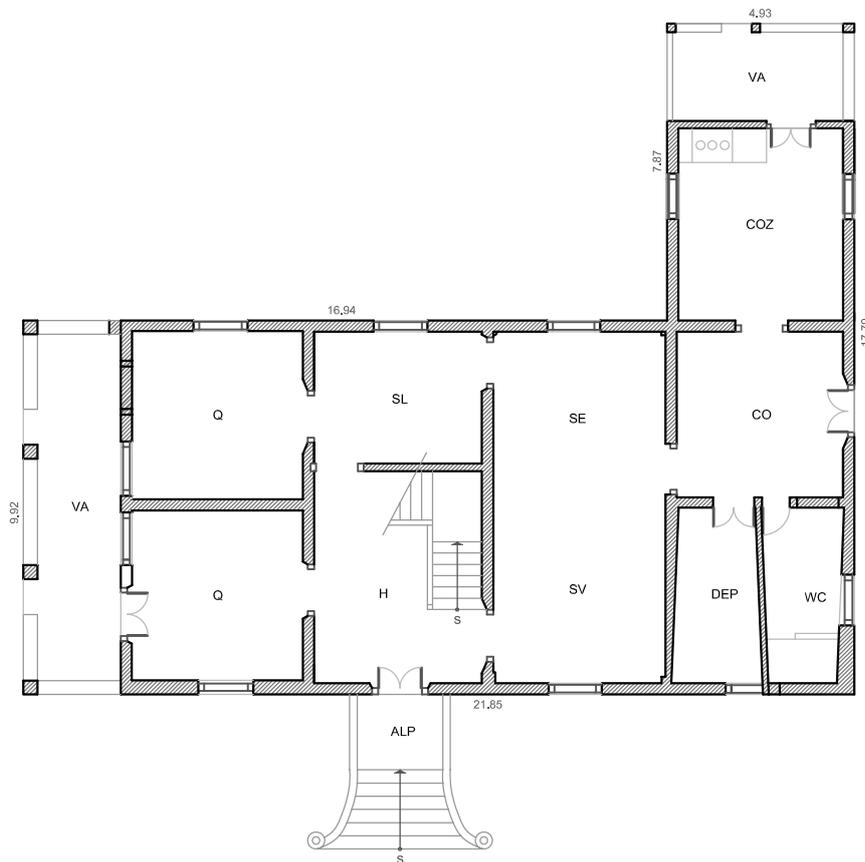
escala: 1/1000



FAZENDA SÃO JOSÉ



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pav.
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/200



AL - alpendre	CO - copa	DEP - depósito	Q - quarto	SL - sala de leitura	SV - sala de visitas	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	STV - sala de TV	VA - varanda	alvenaria demolida	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AI - F10 - BM

2/2

equipe:
M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Pozzobon

desenhista:
J. Coli

revisão:
Francyla Bousquet

data:
jan 09

A antiga Freguesia do Divino Espírito Santo da Barra do Turvo, atual distrito de Rialto¹ — o mais antigo de Barra Mansa, com origens ainda no século XVIII e por onde passava um antigo caminho em demanda ao mar, na baía da Ilha Grande — foi grande produtor de café, respondendo, em 1850, com suas 160.000 arrobas (15 kg cada), por cerca de 21% da produção do município que era de 760.000 arrobas, equivalentes a 11.400 t.

Para a expressiva produção, contava Rialto com dezenas de fazendas, como Santo Antônio, Bocaina, Campo Alegre, Concórdia, Cafundó, Santa Lúcia e Chalé, entre outras, sendo que algumas delas produziam, individualmente, mais de 10.000 arrobas de café em coco por ano, produção considerável dentro do contexto cafeeiro do Vale do Paraíba.

Parte dessas propriedades não mais existe, sendo a Fazenda São José, cujo nome original era Fazenda do Turvo, uma das sobreviventes.

As origens desta fazenda se confundem com as do distrito de Rialto, uma vez que ela foi propriedade de um dos inúmeros fazendeiros de Bananal que fundaram fazendas de café nessa região, conforme pesquisas sobre a ocupação humana desse local realizadas pelo historiador e genealogista Ivan Marcelino de Campos — o que, por sua vez, nos remete a trabalhos de vários genealogistas, dentre eles Píndaro de Carvalho Rodrigues, que estudou as famílias pioneiras de Bananal estabelecidas em sesmarias concedidas ao longo do “Caminho Novo de São Paulo”, ainda no século XVIII.

Dentre as famílias registradas, Carvalho Rodrigues inclui os Almeida, os Aguiar Toledo, de onde provêm os Aguiar Vallim e os Arruda, que, entrelaçados com os Gomes Nogueira e os Barbosa da Silva, são de particular interesse para Barra Mansa, para o distrito de Rialto e para a fazenda em foco.

O pioneiro Hilário Gomes Nogueira², casado com sua prima-irmã Maria Josefa do Nascimento, teve dez filhos, dos quais Alda Maria Leme Nogueira, que viria a se casar com Braz de Oliveira Arruda³, e Placidina Carolina Nogueira, casada com Antônio Barbosa da Silva⁴. Por sua vez, Alda Maria e Braz Arruda foram pais de Treze filhos, dentre eles Alda Romana de Oliveira Arruda, casada com Inácio Gabriel Monteiro de Barros⁵, e Domiciano de Oliveira Arruda⁶, casado com sua prima-irmã, Feliciano Barbosa da Silva, que depois de viúva casou-se com o francês Gustavo Copett⁷. Feliciano era filha dos mencionados Antônio Barbosa e Placidina Carolina, e irmã de Paulo Barbosa da Silva que, tudo indica, teria sido o proprietário original da Fazenda São José.

O major Barbosa da Silva (1816—1871)⁸ era, portanto, neto do pioneiro capitão Hilário e sobrinho do capitão-mor Oliveira Arruda. Casou-se com a prima-irmã, Flávia Antônia de Castro Barbosa (segundas núpcias dela), também neta de Hilário por ser filha de Flora, a quinta filha dele⁹.

Não existe informação concreta de quando teria sido fundada a Fazenda São José. Na hipótese mais provável, deve ter sido construída pelo major Barbosa da Silva, em meados da década de 1830, ou talvez antes, caso estas terras tenham chegado às suas mãos como herança.

O fato é que, até pelo menos agosto de 1888, ela pertenceu à família, como registra interessante documento gerado após o falecimento da viúva do major, que deve ter ocorrido nessa época¹⁰. Trata-se de um “acordo” entre um genro dela, o Dr. Luiz Antônio Barbosa Nogueira, casado com Placidina, e os outros três herdeiros, filhos dela, o capitão Paulo Barbosa da Silva, o terceiro do nome, o tenente Damaso Barbosa da Silva e o Dr. Domiciano Barbosa da Silva. Depreende-se da análise do documento que — como de resto aconteceu por todo o Vale do Paraíba — a viúva do major teria uma grande dívida com o genro — contraída para a operação da propriedade já na fase de declínio do “Ciclo Cafeeiro Vale-paraibano” — e que, se ela fosse executada, os herdeiros ainda teriam de cobrir a diferença entre o valor dela e o valor total dos bens da fazenda. Assim, para não tomar tudo deles e evitar uma grande cisão familiar, o Dr. Barbosa Nogueira abriu mão de parte dos bens e ficou com o restante, certamente a maior parte, quando, na verdade, deveria ficar com tudo. Foi assinada por todos uma “escritura de composição e transição”, em que o credor concedia a cada um dos três herdeiros citados partes em terras da fazenda: 15 alqueires para os dois primeiros e cinco para o terceiro, que receberia também uma casa que servia como escola na freguesia. Parece que dessa forma tudo se resolveu em paz. Nesta época, o mesmo escrivão que redigiu a citada escritura fez também o primeiro registro civil de nascimento de Rialto — já fora da ação da Igreja Católica¹¹ —, de uma menina nascida na Fazenda Barra do Turvo (ver nota 13).

A fazenda deve ter tido originalmente, pelo poder e riqueza das famílias envolvidas, uma razoável área em alqueires. A escritura só registra a parte que ficou com os três herdeiros (35 alqueires¹²) e não menciona a eventual parte que ficou com o credor. Parece que esta pequena parte dos herdeiros foi a que posteriormente passou a ser considerada como área da Fazenda São José, vendida para os proprietários seguintes.

Com casa-sede situada muito próxima da vila (300m), São José tinha suas terras cortadas pelo caminho de mulas de acesso ao porto da baía de Angra, chamado nos documentos antigos de “estrada velha”, e depois pela Estrada de Ferro Bananalense (Barra Mansa-Bananal) e banhadas pelo córrego São José (ou Boa Sorte), pelo rio do Turvo e pelo rio Bananal. Aliás, pelo fato de a foz do rio do Turvo, afluente do Bananal pela margem esquerda, situar-se nas terras da fazenda e cerca de 500 m antes deste cortar a vila, alguns historiadores chamavam esta fazenda de Barra do Turvo¹³.

A casa-sede atual, pelo seu estilo, deve ter sido construída ou reformada mais para o final do século XIX, já

na fase de decadência do café no Vale-paraibano.

Após os Barbosa da Silva, a fazenda passou por vários proprietários entre eles, na primeira década do século XX, o capitão Antônio Soares Canelas, pessoa importante em Rialto, e, por volta de 1925, por Joaquim Andrade Brochado, que foi vereador em Barra Mansa e dono também de outras fazendas na região.

Em meados do século XX — já envolvida, como todas de Barra Mansa, com a pecuária leiteira — pertencia a Homero Gomes de Moura e do seu açude – possivelmente remanescente da época do café quando ele atendia às necessidades da fazenda e a água era a força motriz das suas máquinas – provinha a água que, encanada pela primeira vez em 1960, supria as casas da pequena Vila do Rialto.

Na fazenda já funcionou uma escola primária chamada Joaquim Nabuco e hoje, com cerca de 25 alqueires, continua produzindo leite, contando também com pequenas plantações de milho e de feijão.

¹ A sede do distrito fica a 15 km do Centro da sede do município e a Três da fronteira do estado do Rio de Janeiro com o de São Paulo, no município de Bananal, neste caso seguindo o curso da antiga ferrovia.

² O capitão Hilário foi proprietário das fazendas Santo Antônio da Olaria, em São João Marcos (RJ), e Três Barras, em Bananal, nas quais pernitoou D. Pedro I na célebre viagem que culminou com a proclamação da independência do Brasil. Olaria foi comprada anos depois pelo comendador Joaquim José de Souza Breves, o conhecido “Rei do Café”, que nela construiu, em 1865, pouco mais da metade do que seria um verdadeiro palácio e do qual só restaram partes de algumas paredes de pedra, à beira da represa do Ribeirão das Lages. Três Barras abriga hoje um hotel fazenda.

³ Capitão-mor e importante fazendeiro em Bananal, região do Rancho Grande, proprietário da grande Fazenda Cascata.

⁴ Conhecido como “o Baú”, era comendador da Ordem de Cristo, fidalgo cavaleiro da Casa Imperial e dono da Fazenda Bom Retiro, em Bananal, com bela sede ainda existente.

⁵ O brigadeiro Inácio Gabriel era filho dos viscondes de Congonhas do Campo, irmão do comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros (dono da Fazenda Três Poços, em Volta Redonda) e o proprietário original da famosa Fazenda Resgate, em Bananal, que pertenceu depois ao comendador Manoel de Aguiar Vallim, um dos mais ricos cafeicultores do Brasil Império. Resgate possui belíssima casa-sede com interior todo pintado pelo catalão José Maria Villaronga, e era vizinha, na época, da Fazenda Bocaina (ver nota seguinte).

⁶ O major Domiciano foi o primeiro presidente da Câmara da Vila de Barra Mansa e dono da Fazenda da Bocaina, outra expressiva fazenda de Rialto, objeto de uma das maiores transações comerciais do “Ciclo Cafeeiro Vale-paraibano” quando foi comprada pelo com. Vallim (ver nota anterior) à dona Felicidade, por 500 contos de réis, à vista.

⁷ Para alguns genealogistas, ele era suíço e o sobrenome era “de Coppet”. Preparou a fazenda para a citada venda.

⁸ Segundo Ivan Campos, o major, nascido em 17/12/1816 e falecido em 03/12/1871, está enterrado no cemitério de Rialto em mausoléu de pedra em perfeito estado de conservação e que seria o mais antigo ali registrado.

⁹ Os casamentos dentro da mesma família geravam muita confusão genealógica, pois não raro as pessoas se perguntavam quais seriam os graus de parentesco delas em relação aos avós, aos tios, aos irmãos e até, complementarmente, aos pais. Entretanto, independentemente desse aspecto, esses casamentos, bem como os realizados entre membros de “famílias afins”, eram comuns e objetivavam, geralmente, a manutenção do patrimônio fechado dentro do grupo familiar, bem como a preservação do poder social e político do mesmo.

¹⁰ Documento resumido e repassado por Ivan Campos.

¹¹ Segundo o historiador Alan Carlos Rocha, o registro foi feito pelo escrivão Manoel Olegário Pereira e referia-se a Francisca Felicidade de Oliveira, filha de Joaquim Carreira de Oliveira e Maria Felicidade de Oliveira, que nasceu às três horas da manhã do dia 9 de janeiro de 1889.

¹² O alqueire geométrico, ou mineiro, tem uma área de 48.400 m² ou 4,84 hectares, cada um com 10.000 m² (cerca de 1,4 campos de futebol, com 70 m x 100 m).

¹³ Como na região em tela existem rios e fazendas distintas, mas com o mesmo nome, cumpre esclarecer que, além do rio e da fazenda em estudo existem: Bananal (SP): rio do Turvo e Fazenda Barra do Turvo, na foz deste rio com o rio Bananal; Amparo (Barra Mansa): rio Turvo, afluente pela margem esquerda do rio Paraíba do Sul, e Fazenda do Turvo, às margens do rio de mesmo nome. Sobre este rio Turvo, ver a Fazenda sant’Anna da Cachoeira, em Quatis, também incluída nessa segunda fase do “Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense”.

Fontes:

ATHAYDE, J. B. de. *A igreja matriz de São Sebastião da Barra Mansa: 1859-1959*. Volta Redonda, 1960.

_____. *O rei do café no Império – comendador Joaquim José de Souza Breves (1804-1889)*. Obra inédita.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. *Itinerário da independência*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1972.

CAMPOS, Ivan Marcelino. *O distrito de Rialto: História – Desenvolvimento – Perspectivas*. Barra Mansa, 1994.

_____. *Depoimentos e informações sobre a história de Rialto, de sua gente e de suas sesmarias/fazendas*. Rialto, dezembro 2008 e janeiro de 2009.

FARIA, José Carlos Franco. *Domiciano de Oliveira Arruda, presidente da câmara de Barra Mansa*. *Jornal da Academia Barramansense de História (ABH)*. Barra Mansa, agosto de 2007.

LIMA, Roberto Guião de Souza Lima. ARQUIVO RGSL. Volta Redonda, 1979-2009.

_____. *Notas sobre as obras do artista José Maria Villaronga*. Rio de Janeiro: Revista do IHGRJ, Ano 14, No 14, 2005

PORTO, Luiz de Almeida Nogueira. *Bananal no Império*. Bananal (Fazenda Maruzen), 1994.

ROCHA, Alan Carlos. *Curiosidades Rurais*, *Jornal da Academia Barramansense de História (ABH)* (edições diversas). Barra Mansa, julho 2006...

RODRIGUES, Pindaro de Carvalho. *O Caminho Novo: povoadores do Bananal*. São Paulo, Governo do Estado, 1980.

SOUZA, Everaldo Vallim Pereira de. *Antigas fazendas de Bananal (um pouco de história)*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, edição de 14.01.1945.

ZALUAR, Emílio Augusto. *Peregrinação pela Província de São Paulo – 1860-1861*. São Paulo, Itatiaia Editora e Editora da Universidade de São Paulo, 1975.